

**CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE ENSINO, PESQUISA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DIRETORIA DE ENSINO
CENTRO DE ESTUDOS DE POLÍTICA, ESTRATÉGIA E DOCTRINA
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

Cap. QOBM/Comb. MATEUS BARROS E SILVA **CAMPOS**



**A CAPACITAÇÃO DOS SOCORRISTAS DO CORPO DE BOMBEIROS
MILITAR DO DISTRITO FEDERAL EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS PARA O ATENDIMENTO DE PACIENTES SURDOS**

**BRASÍLIA
2020**

Cap. QOBM/Comb. MATEUS BARROS E SILVA **CAMPOS**

**A CAPACITAÇÃO DOS SOCORRISTAS DO CORPO DE BOMBEIROS
MILITAR DO DISTRITO FEDERAL EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS PARA O ATENDIMENTO DE PACIENTES SURDOS**

Trabalho monográfico apresentado ao Centro de Estudos de Política, Estratégia e Doutrina, como requisito para conclusão do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Combatentes do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal.

Orientador: Ten-Cel. QOBM/Comb. GIANCARLO BORGES **PEDROSO**

**BRASÍLIA
2020**

Cap. QOBM/Comb. MATEUS BARROS E SILVA **CAMPOS**

**A CAPACITAÇÃO DOS SOCORRISTAS DO CORPO DE BOMBEIROS
MILITAR DO DISTRITO FEDERAL EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS PARA O ATENDIMENTO DE PACIENTES SURDOS**

Trabalho monográfico apresentado ao Centro de Estudos de
Política, Estratégia e Doutrina, como requisito para conclusão
do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Combatentes do
Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal.

Aprovado em: 28/01/2020

BANCA EXAMINADORA

Ten-Cel. QOBM/Comb. Helen Ramalho de Oliveira
Presidente

Cap. QOBM/Compl. Vanessa Kuhlmann Peres
Membro

Prof. Msc. Zilta Diaz Penna Marinho
Membro

Ten-Cel. QOBM/Comb. Giancarlo Borges Pedroso
Orientador

CESSÃO DE DIREITOS

AUTOR: Mateus Barros e Silva **Campos** – Cap. QOBM/Comb.

TEMA: A Capacitação dos Socorristas do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento de Pacientes Surdos

ANO: 2020

São concedidas ao Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal as seguintes permissões referentes a este trabalho acadêmico:

- reprodução de cópias;
- empréstimo ou comercialização de tais cópias somente para propósitos acadêmicos;
- disponibilização nos *sítes* do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal.

O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desse trabalho acadêmico pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

Mateus Barros e Silva **Campos** – Cap. QOBM/Comb.

Dedico esse trabalho à minha querida
esposa Hellen, meu modelo e minha
companheira em todas as horas. Te amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, a quem devo tudo o que sou e tenho.

À minha família, pela educação e pelos princípios que tenho hoje e por estarem sempre presentes.

A todos os amigos e professores que participaram do meu crescimento na Língua Brasileira de Sinais, que me ensinaram, motivaram e inspiraram.

Ao meu orientador, pelos conselhos e pela paciência na realização deste trabalho.

À minha esposa, pela inspiração, companheirismo e compreensão em todos os momentos.

“If you talk to a man in a language he understands, that goes to his head. If you talk to him in his language, that goes to his heart”. (“Se você falar com um homem em um idioma que ele compreenda, isso entra na cabeça. Se você falar com ele em sua língua, você atinge seu coração”).

Nelson Mandela

RESUMO

A presente pesquisa visa levantar o conteúdo necessário à elaboração de uma proposta de curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) com enfoque no atendimento pré-hospitalar. É uma pesquisa aplicada, fundamentada nos levantamentos bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica pesquisou sobre a aquisição da fluência na Libras como segunda língua (L2), sobre quais habilidades e competências os profissionais do CBMDF precisam ter para trabalhar com Libras e sobre a suficiência de carga horária para o aprendizado da Língua de Sinais Brasileira. Este estudo permitiu levantar aspectos necessários à criação de um curso de Libras que atenda os anseios apontados em estudos realizados anteriormente no CBMDF quanto ao atendimento às pessoas surdas.

Palavras-chave: Aprendizagem de Libras; Curso de Libras; Libras como Segunda Língua

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro descritivo das competências que compõem a competência comunicativa.....	11
Figura 2 – Quadro dos Níveis Comuns de Referência para a fluência sinalizada, definidos no LS-QECRL.....	13

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGT	Abordagem da Gramática e Tradução
APH	Atendimento Pré-Hospitalar
APH-B	Curso de Atendimento Pré-Hospitalar Básico
ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua Americana de Sinais)
CBMDF	Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal
CBMMG	Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais
CFO	Curso de Formação de Oficiais
CFP	Curso de Formação de Praças
CSU	Curso de Socorros de Urgência
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LE	Língua Estrangeira
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS-QECRL	Línguas de Sinais e o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas
QECRL	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas
RPCEE	Regulamento de Preceitos Comuns dos Estabelecimentos de Ensino

LISTA DE SÍMBOLOS

h	hora
h/a	hora/aula
hs	horas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	0
1.1. Definição do problema.....	2
1.2. Justificativa.....	2
1.3. Objetivos	4
1.3.1. Objetivo geral	4
1.3.2. Objetivos específicos	4
1.4. Questões	4
1.5. Definição de termos	4
2. REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1. O ensino de Libras para ouvintes	6
2.2. Metodologias de ensino de Libras para ouvintes	6
2.2.1. Método da Gramática e Tradução	7
2.2.2. Método Direto	8
2.2.3. Método Audiolingual	8
2.2.4. Abordagem Comunicativa.....	9
2.2.5. Pós-método	10
2.3. Competências do aprendiz de Libras	10
2.3.1. O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas e a competência comunicativa	12
2.4. Interação para aquisição de segunda língua	14
2.5. Aplicativos de tradução automática	14
2.6. Seleção de conteúdos para aprendizagem da Libras	16
2.7. Carga horária	17
2.8. Cursos de Libras	18
3. METODOLOGIA.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. RECOMENDAÇÕES	26
REFERÊNCIAS	27

ANEXO	31
ANEXO A – Ementa da Disciplina de Libras do CFO do CBMDF	32
ANEXO B – Ementa da Disciplina de Libras do CFO do CBMMG.....	38
APÊNDICES	43
APÊNDICE A – Mapa de Competências	44
APÊNDICE B – Seleção de Conteúdos a partir do Mapa da Competências	46
APÊNDICE C – Minuta de Portaria de Criação do Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para Bombeiros	48

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma continuação da pesquisa iniciada por Campos (2013), que foi motivado pelo trabalho de Santos (2009), e partirá de suas considerações finais.

Santos inferiu em sua pesquisa, dentre outros pontos, que os militares do CBMDF não sabem se comunicar por meio da Libras, motivo pelo qual possivelmente prestariam atendimento ao surdo por presunção, o que interferiria na qualidade do serviço prestado à população.

E, diante dessa observação, trouxe dentre suas recomendações o desenvolvimento de políticas para realização de cursos de capacitação voltados para o atendimento das pessoas com deficiência auditiva e a implantação de capacitação continuada referente ao atendimento da pessoa surda, com vistas à mudança comportamental do efetivo.

Conforme Campos pôde verificar, para os surdos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) possui uma importância maior que apenas a comunicação, ela representa respeito à cultura surda e ao próprio indivíduo. Desta forma a utilização da Libras no atendimento pré-hospitalar (APH) passa a ter um foco além da comunicação socorrista-paciente surdo: o respeito ao paciente, que é um fator importante na qualidade da prestação do serviço pelo Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF).

Ao estudar a legislação federal e distrital referente à prestação de atendimento em Libras aos pacientes surdos, verificou-se que o CBMDF deve possuir, em seu efetivo, 5% de intérpretes ou pessoas capacitadas em Libras, conforme o Art. 26 do Decreto nº 5.626/2005, os quais não devem compor uma categoria funcional exclusiva, de acordo com o Art. 2º da Lei Distrital nº 2.532/2000. Atualmente não é possível determinar qual o efetivo do CBMDF capacitado em Libras. Desta forma, fica evidenciado outro motivo pelo qual é importante que o CBMDF capacite seus bombeiros a prestar atendimento a pacientes surdos utilizando a Libras.

Outro aspecto que denota a importância da Libras para o atendimento dos surdos é o papel da comunicação do socorrista com o paciente, que é necessária na abordagem, determinação do nível de consciência e entrevista, transmissão de segurança e apoio emocional a ele, assim como no processo de triagem em acidentes com múltiplas vítimas. As dificuldades de comunicação podem implicar em comprometimento do diagnóstico e do tratamento, com possibilidade de prejuízo à qualidade do serviço prestado.

Na referida pesquisa também foram aplicados questionários a 125 socorristas do CBMDF, visando verificar a percepção desses militares sobre alguns aspectos relativos ao atendimento a pacientes surdos, à Libras e à comunicação no APH. Mais da metade dos entrevistados já atendeu alguma ocorrência envolvendo paciente surdo, não sendo possível inferir ou determinar a quantidade de atendimentos prestados aos pacientes surdos. Dentre os entrevistados, a maioria disse que teve dificuldades para prestar o atendimento e quase todos deste grupo também consideram que a etapa da avaliação geral do paciente denominada entrevista é importante, muito importante ou essencial para o atendimento, e que a comunicação em Libras é importante, muito importante ou essencial para a qualidade do atendimento prestado aos pacientes surdos. A possibilidade de falseamento do diagnóstico e adoção de tratamento incorreto devido à barreira de comunicação é considerada por cerca de 80% da amostra.

Atualmente a expressão “avaliação geral do paciente” foi substituída por “avaliação do paciente”, sendo a entrevista dividida nas fases do exame primário e secundário, por meio dos mnemônicos SAMPLA¹ e ALICIA², respectivamente (MANUAL DO CSU – 2019).

Apesar de verificada a importância da Libras para o atendimento de pacientes surdos, até a inclusão da disciplina de Libras no Curso de Formação de Oficiais, não havia no âmbito da Corporação nenhuma capacitação para seus militares

¹ SAMPLA – mnemônico utilizado na entrevista para obter um histórico do paciente, em que: S = Sinais vitais; A = alergias; M = medicamentos em uso; P = passado médico; L = líquidos e alimentos; e A = ambiente

² ALICIA – mnemônico utilizado na entrevista para obter histórico quando a dor do paciente, em que: A = aparição; L = localização; I = intensidade; C = cronologia; I = incremento (evolução); A = alívio.

prestarem esse serviço, sendo a criação de um curso de Libras com enfoque no atendimento pré-hospitalar uma das recomendações da pesquisa citada.

1.1. Definição do problema

O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal não provê capacitação em Libras para que seus socorristas prestem atendimento pré-hospitalar (APH) aos pacientes surdos, o que pode interferir na qualidade do serviço prestado. Como deve ser a capacitação nesta língua quando oferecida pelo CBMDF aos seus militares?

1.2. Justificativa

Apesar da necessidade de capacitação dos socorristas para a prestação do atendimento pré-hospitalar aos pacientes surdos em Libras, de uma forma geral, os socorristas do CBMDF não são capacitados para atender os surdos em Libras, uma vez que o atendimento pré-hospitalar de pacientes surdos não é tratado na Corporação no Curso de Formação de Praças (CFP) ou nos cursos de especialização de socorristas (Curso de Socorros de Urgência – CSU, e Curso de Atendimento Pré-Hospitalar Básico – APH-B), e a única iniciativa existente até o momento neste sentido foi a inclusão da disciplina de Língua Brasileira de Sinais no Curso de Formação de Oficiais, o que não atende à formação de socorristas.

Os profissionais de saúde, na falta do conhecimento da Libras, adotam algumas estratégias para a comunicação com o paciente surdo, sendo as mais comuns a leitura labial, as mímicas, a escrita, a utilização de aplicativos de tradução do Português para a Libras e a intermediação de acompanhantes, que entretanto não são consideradas ideais, uma vez que podem não funcionar no atendimento desse paciente (GOMES *et al*, 2017).

Segundo o Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010), cerca de 4,1% da população do Distrito Federal possui algum grau de deficiência auditiva, não sendo possível determinar a quantidade de surdos que utilizam a Libras, devido às perguntas utilizadas no censo demográfico realizado pelo IBGE referentes à deficiência auditiva.

Desta forma, tratar sobre a capacitação dos socorristas do CBMDF quanto ao atendimento dos surdos é uma necessidade para a melhoria da qualidade do serviço prestado a esta parcela da população do Distrito Federal.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

Desenvolver proposta de curso de capacitação Língua Brasileira de Sinais com enfoque no atendimento pré-hospitalar.

1.3.2. Objetivos específicos

Este trabalho tem como objetivos específicos:

- Pesquisar sobre o desenvolvimento de competências em Libras como segunda língua;
- Identificar as habilidades e competências do profissional que trabalhará com Libras no CBMDF;
- Selecionar os conteúdos significantes a serem aprendidos em Libras do ponto de vista do serviço do CBMDF.

1.4. Questões

A presente pesquisa será norteadas pelas seguintes questões:

- Qual metodologia é a mais adequada para os bombeiros aprenderem a Língua de Sinais Brasileira?
- Qual o perfil do profissional que utilizará a Libras no CBMDF?
- Considerando o motivo pelo qual seria importante que os bombeiros do CBMDF aprendessem Libras, quais são os conteúdos mais relevantes a serem aprendidos?

1.5. Definição de termos

Datilologia – uso do alfabeto manual, utilizado apenas em situações específicas, quando necessário, por exemplo caso não haja um item lexical (sinal).

Língua Brasileira de Sinais – sistema linguístico natural e visual-espacial, com léxico e gramática própria, que atende a todos os critérios de uma língua genuína, independente da Língua Portuguesa oral.

Língua estrangeira – língua aprendida pelo sujeito, mas de que ele não faz um uso intenso e não estará exposto quotidianamente a ambientes culturais que a envolvam.

Língua materna – primeira língua que uma criança aprende, geralmente em casa, por meio dos pais, e frequentemente a língua da comunidade.

Ouvinte – é o oposto de ser surdo.

Primeira língua – sinônimo de língua materna.

Segunda língua – língua que o sujeito aprende e de que faz uso intenso, já que está frequentemente em ambientes culturais que exigem o domínio dessa língua.

Surdo – aquele que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Libras.

Tecnologias Assistivas – tipo de mediação instrumental, que visa a reduzir limitações de pessoas com deficiência, das mais variadas ordens, por meio de equipamentos, serviços, estratégias e práticas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O ensino de Libras para ouvintes

As tentativas de estruturação de cursos de Línguas de Sinais para ouvintes é algo muito recente, e antes da Libras ser reconhecida como língua os cursos ocorriam precariamente pela falta de metodologia definida e escassez de recursos didáticos (SILVA, R., 2012). Mas pouco ainda tem sido investigado sobre as metodologias para o ensino das línguas de sinais como segunda língua, havendo nos Estados Unidos mais pesquisas e discussões quanto ao ensino da Língua Americana de Sinais (ASL) (GESSER, 2010).

Leite e McCleary (2002) apontam que o processo de aprendizado se torna mais difícil para o aluno se há problemas de infraestrutura, organização e/ou planejamento, entretanto as várias dificuldades intrínsecas ao aprendizado de segunda língua são minimizadas em um ensino bem estruturado. Destacam-se como complicadores do processo de aprendizagem “a ausência de materiais didáticos de ensino, a pouca diversificação de atividades em sala de aula, e a falta de estruturação nos exercícios de diálogo” e como facilitadores “a ótima comunicabilidade dos professores, a agradável ambientação por eles promovida nas aulas e os treinos particulares dos alunos com a Libras” (LEITE; MCCLEARY, 2002, p. 258).

2.2. Metodologias de ensino de Libras para ouvintes

Segundo Brown (1994, p. 54 *apud* GESSER, 2010, p. 5), o termo *metodologia* pode ser definido como “estudo das práticas pedagógicas de uma forma mais abrangente” e Gesser (2010, p. 12) apresenta “a definição e as abrangências teóricas de diversas metodologias de ensino de línguas orais como língua segunda e/ou estrangeira, traduzidas do trabalho de Brown (1994)”.

Segundo Mertzani (2010 *apud* LEBEDEFF; SANTOS, 2014) as abordagens adotadas no ensino das Línguas Orais, historicamente, também podem ser utilizadas para categorizar o ensino das Línguas de Sinais.

A seguir serão apresentados os métodos mais abordados na literatura estudada.

2.2.1. Método da Gramática e Tradução

A Abordagem da Gramática e Tradução (AGT), consiste no ensino da segunda língua pela primeira (LEFFA, 1988). Este método, também conhecido como Método Tradicional, é o método pelo qual as línguas clássicas, como o latim e o grego, eram trabalhadas nas escolas até meados do século XX, cujo enfoque girava em torno da tradução e da versão de textos literários, posto que o objetivo era auxiliar os aprendizes na leitura destes textos naquelas línguas (JALIL; PROCAILO, 2009). Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno (LEBEDEFF; SANTOS, 2014). “Pode-se dizer que o hábito de se traduzir textos em sala, muito comum ainda hoje, advém principalmente desse método” (JALIL; PROCAILO, 2009, p. 776).

Neste método a gramática é um dos focos centrais da aula, e para que os alunos ganhem consciência de suas regras são realizados extensos trabalhos com a memorização, por meio de exercícios gramaticais tradicionais, em que os alunos aplicam as regras após a explicação do professor, de forma dedutiva (JALIL; PROCAILO, 2009).

Para Gesser (2010), a Abordagem Gramatical é baseada nos livros didáticos ou outros materiais, com o objetivo de transmitir o conteúdo da estrutura gramatical da língua alvo, o que inclui o estudo da sintaxe e da fonética. Fica evidenciado, portanto, que falar a língua não era um dos objetivos nesta abordagem, posto que o enfoque era a leitura e a produção de textos.

Lebedeff e Santos (2014) afirmam que, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, esta foi a abordagem mais utilizada no ensino de Línguas de Sinais.

2.2.2. Método Direto

O Método Direto dá ênfase ao uso da língua alvo em sala em detrimento do uso da primeira língua (JALIL; PROCAILO, 2009). O princípio fundamental deste método é que a segunda língua (L2) é aprendida por meio da L2, a língua materna nunca deve ser usada na sala de aula, com a transmissão dos significados por meio de gestos e gravuras, sem recorrer à tradução, para que o aluno aprenda a pensar na língua (LEFFA, 1988).

Jalil e Procailo (2009) afirmam que a leitura continua em posição privilegiada, entretanto o seu desenvolvimento ocorre juntamente com a habilidade de fala e aquisição de vocabulário. Neste método, o currículo é baseado em situações e a pronúncia é trabalhada desde o início dos estudos. Há ainda uma expansão do conceito de cultura de língua estrangeira, incluindo história, geografia, atitudes, comportamentos etc. (JALIL; PROCAILO, 2009).

Ao contrário do que ocorre no Método Tradicional, em que as estruturas gramaticais são trabalhadas de forma dedutiva, no Método Direto o aprendizado das regras gramaticais se dá de forma indutiva, em que estas são descobertas a partir de generalizações dos alunos durante e após a prática, num processo conduzido pelo professor (JALIL; PROCAILO, 2009).

2.2.3. Método Audiolingual

O Método Audiolingual tem como princípio pedagógico que se deve primeiro ouvir e falar a língua, para posteriormente ler e escrever, tal qual ocorre no aprendizado das línguas maternas, portanto o aluno precisa ter os padrões da língua oral bem automatizados para só então ser exposto à língua escrita (LEFFA, 1988).

O desenvolvimento das habilidades orais é priorizado, conforme a ordem natural de aquisição da primeira língua, e as estruturas e vocabulário são apresentados por meio de diálogos artificiais, cuja finalidade é proporcionar aos alunos a visualização do uso da estrutura em um possível contexto (JALIL; PROCAILO, 2009).

Outra importante diretriz deste método é a correção imediata dos erros pelo professor, visto que se acreditava que estes acarretavam a formação de maus hábitos e, portanto, deveriam ser banidos da sala de aula, enquanto as respostas certas deveriam ser valorizadas pelo professor (JALIL; PROCAILO, 2009).

2.2.4. Abordagem Comunicativa

Segundo Jalil e Procailo (2009, p. 778),

Por volta das décadas de 70 e 80 do século XX, alguns professores e linguistas perceberam que os alunos eram capazes de produzir sentenças gramaticalmente corretas muitas vezes, mas pouco as utilizavam em situações realmente comunicativas e reais fora da sala de aula (JALIL; PROCAILO, 2009, p. 778).

Neste momento ficou claro que simplesmente conhecer as regras não era suficiente para a comunicação como um todo, então foi sendo desenvolvida a Abordagem Comunicativa (JALIL; PROCAILO, 2009).

Leffa (1988, p. 231) apresenta a Abordagem Comunicativa como aquela que tem como grande preocupação o “uso de linguagem apropriada, adequada à situação em que ocorre o ato da fala e ao papel desempenhado pelos participantes”, que rejeita os diálogos artificiais, que são elaborados para apresentarem aspectos gramaticais.

Segundo Gesser (2010, p. 7), na Abordagem Comunicativa o ensino de uma língua é a promoção do desenvolvimento das competências comunicativa e linguística, a partir do uso real e significativo de língua alvo, “aprender línguas significa saber interpretar e produzir mensagens dentro de situações e contextos particulares”.

Apesar de não explicitarem sua metodologia de ensino, os primeiros livros voltados para o ensino de Libras como segunda língua, publicados a partir do início do século XXI, apresentam trechos que denotam a preocupação com a utilização de sinais em situações de comunicação (BERNARDINO *et al*, 2018).

Para Bernardino *et al* (2018), a adoção dessa metodologia no ensino da Libras como segunda língua, expõe o aprendiz a todos os elementos da língua, o que

possibilita o aprendizado dos sinais, bem como a sua utilização em estruturas maiores, como frases e textos.

Gesser (2010) afirma que parece haver uma tendência dos cursos de L2 e/ou Língua Estrangeira (LE), bem como dos profissionais que neles atuam, em classificar a Abordagem Comunicativa como positiva. Para Albres (2012, p. 126), “dentre as metodologias de ensino de segunda língua estudadas, os métodos da Abordagem Comunicativa têm sido indicados como os mais adequados para o processo de ensino-aprendizagem”.

2.2.5. Pós-método

Considerando que com o passar do tempo, os métodos e abordagens foram sendo adaptados com base no conhecimento adquirido com os anteriores, bem como a partir da pesquisa e da prática, também que nenhuma sala é igual a outra (alunos, objetivos, intenções, expectativas, professores etc.), “parece não haver uma corrente teórica, ou mesmo um conjunto delas em que se consiga pautar um trabalho sólido e satisfatório” (JALIL; PROCAILO, 2009, p. 780).

Gesser (2010, p. 8) corrobora com esse pensamento, ao afirmar que “não há teoria ou combinação de teorias capazes de dar conta de todos os desafios presentes nos contextos de aprendizagem de línguas segundas e/ou estrangeiras”. Desta forma, o professor será a pessoa responsável por decidir “quais aspectos do ensino e da aprendizagem são mais ou menos relevantes” (GESSER, 2010, p. 8). Para Acunã (2000, *apud* Lacerda *et al*, 2004), a forma de ensinar uma segunda língua não deve ser igual para públicos diferentes.

2.3. Competências do aprendiz de Libras

Para Gesser (2010, p. 74), no aprendizado de uma língua o aluno precisa desenvolver diversas competências, uma vez que não adianta ter o domínio da “forma de uma língua (fonemas, morfemas e estrutura sintática)”, se não atentar “à sua semântica (significados) e à sua pragmática (contexto)”.

Conforme o conceito de competência comunicativa desenvolvido por Hymes (1970, *apud* JALIL; PROCAILO, 2009), ser competente comunicativamente falando não pode ser resumido ao conhecimento linguístico de um indivíduo, engloba ainda as competências cultural, sociolinguística, discursiva e estratégica.

Segundo Canale e Swain (1980 *apud* OLIVEIRA, 2007), o conceito de competência se refere à conhecimentos e habilidades, sendo conhecimento aquilo que um indivíduo sabe (conscientemente e inconscientemente) sobre a língua e sobre outros aspectos do uso comunicativo da língua, e habilidade o quão bem ele pode realizar esse conhecimento em comunicação real.

A competência comunicativa proposta por Canale ainda é “a mais utilizada pelos escritores dos livros didáticos mais modernos para a aprendizagem de línguas estrangeiras e por elaboradores de exames de proficiência” (OLIVEIRA, 2007, p. 70), sendo composta pelas competências gramatical, sociolinguística e estratégica, e posteriormente sendo incluída por Canale a competência discursiva (OLIVEIRA, 2007).

Com base nas descrições apresentadas por Oliveira (2007) e Jalil & Procailo (2009) sobre as competências que compõem a competência comunicativa, tem-se o quadro a seguir:

Figura 1 – Quadro descritivo das competências que compõem a competência comunicativa.

Competência	Descrição
Cultural	Conhecimento referente ao contexto sociocultural no qual se fala a língua-alvo (os países, sua população, suas tradições, costumes e hábitos etc.)
Gramatical	É relativa ao conhecimento sobre as regras e características de uma língua e às habilidades de utilizar esse conhecimento
Sociolinguística	Refere-se às regras socioculturais que norteiam o uso da língua, isto é, saber escolher dentre os vários meios e registros de comunicação o que melhor se adequa ao contexto (por exemplo, uma linguagem mais informal ou formal)
Discursiva	Tem a ver com a combinação das formas gramaticais (por meio da coesão) e sentidos (por meio da coerência) para comunicar diferentes tipos de textos de maneira unificada
Estratégica	É relativa às estratégias para compensar falhas no uso das outras competências, a fim de promover uma comunicação efetiva ou atingir o efeito pretendido

Fonte: O autor.

Outra competência presente na literatura, destacada no Regulamento de Preceitos Comuns dos Estabelecimentos de Ensino (RPCEE) do CBMDF, é a competência profissional, que segundo o Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2002, p. 28) possui esta competência aquele que:

constitui, articula e mobilizam valores, conhecimentos e habilidades **para a resolução de problemas não só rotineiros, mas também inusitados** em seu campo de atuação profissional. Assim, **age eficazmente diante do inesperado e do habitual**, superando a experiência para a criatividade e a atuação transformadora (BRASIL, 2002, p. 28, grifo nosso).

Wilcox e Wilcox (2005, p. 68) trazem também “a fluência no uso e na compreensão dos classificadores como uma marca de competência em ASL”, razão pela qual consideram que “atividades que utilizem classificadores devem estar incluídas em todos os níveis de instrução”.

2.3.1. O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas e a competência comunicativa

O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECRL) é um documento elaborado pelo Conselho da Europa, que tem estudado o ensino de línguas orais ao longo de 40 anos (SILVA, L., 2018). O QECRL tem por objetivo fornecer “uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa”, bem como define “os níveis de proficiência que permitem medir os progressos dos aprendentes em todas as etapas da aprendizagem” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 19).

O documento Línguas de Sinais e o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (LS-QECRL), publicado em 2016, possui as mesmas funções que o QECRL, seu precursor das línguas orais (LEESON *et al*, 2016), e as categorias descritivas existentes no QECRL foram ligeiramente alteradas no LS-QECRL para “garantir a adequação dos descritores para as línguas de sinais e, assim, atender a natureza específica da modalidade” (SILVA, L., 2018, p. 43).

Segundo Silva, J. (2016), o QECRL é composto por diversas matrizes de referências, que descrevem muitas competências que formam a capacidade linguística dos falantes, divididas em seis níveis de proficiências, as quais não

correspondem necessariamente a um determinado período de estudo ou a uma determinada carga horária de instrução, sendo puramente descritivos.

No quadro abaixo são apresentados os Níveis Comuns de Referência, de forma global e simplificada, que facilita a comunicação a usuários não especialistas e pode fornecer orientação aos professores e planejadores de currículo (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Figura 2 – Quadro dos Níveis Comuns de Referência para a fluência sinalizada, definidos no LS-QECRL

Níveis Comuns de Referência para a fluência sinalizada, definidos no LS-QECRL		
Usuário proficiente	C2	É capaz de expressar-se por completo com o fluxo natural, sem esforço e sem hesitação. Pausa apenas para refletir precisamente sobre as palavras certas para expressar seus pensamentos ou para encontrar um exemplo ou explicação apropriada.
	C1	É capaz de expressar-se fluentemente e espontaneamente, quase sem esforço. Somente um assunto difícil pode dificultar um fluxo natural e suave de linguagem.
Usuário independente	B2	É capaz de expressar-se fluentemente e espontaneamente, quase sem esforço. Somente um assunto difícil pode dificultar um fluxo natural e suave de linguagem.
		É capaz de produzir trechos de linguagem com um ritmo razoavelmente uniforme, embora possa hesitar enquanto procura expressões. Poucas pausas notavelmente longas. Pode interagir com o grau de fluência e espontaneidade que torna a interação regular com os sinalizantes nativos bastante possível, sem impor pressão a qualquer das partes.
	B1	É capaz de se expressar com relativa facilidade. Apesar de alguns problemas com a formulação, resultando em pausas e "becos sem saída", é capaz de continuar efetivamente sem ajuda.
		É capaz de continuar a conversa de forma abrangente, mesmo com pausas para o planejamento gramatical e lexical e que o aperfeiçoamento seja muito evidente, especialmente em trechos mais longos de produção livre.
Usuário básico	A2	É capaz de se fazer entender em pequenas contribuições, mesmo que pausas, falsos inícios e reformulações sejam muito evidentes.
		É capaz de construir frases de tópicos desconhecidos, com facilidade suficiente para lidar com trocas curtas, apesar de hesitação muito perceptível e falsos começos.

	A1	É capaz de lidar com enunciados muito curtos, isolados, principalmente previamente formulados, com pausas para procurar expressões, articular palavras menos familiares e aperfeiçoar a comunicação.
--	----	--

Fonte: Adaptado de SILVA, L. (2018, p. 44).

Silva, L. (2018, p. 40) afirma que

Tanto no QECRL como no LS-QECRL, o sucesso funcional do aprendiz de uma L2 está atrelado a capacidade de comunicação efetiva e eloquente e essa relação parece ser bastante plausível uma vez que não descarta elementos motores (como “se expressar sem esforço e com habilidade”), gramaticais (como acurácia) e linguísticos (como a coerência) e ainda abriga a competência comunicativa funcional (articular a língua, no meu ponto de vista tem a ver com o uso da língua) (SILVA, L., 2018, p. 40).

Estes seis níveis de referência apresentados por Silva, L. (2018) funcionam como parâmetros da competência comunicativa.

2.4. Interação para aquisição de segunda língua

Para que uma segunda língua seja bem aprendida, o ensino não pode ser mecânico, os aprendizes necessitam participar de um meio em que essa língua seja utilizada e deve fazer sentido para aqueles que a aprendem, sendo necessária também a vivência em situações contextualizadas, com significado real para estes aprendizes (LACERDA *et al*, 2004).

Bernardino *et al* (2018, p. 31) também acreditam que “o processo interativo é extremamente importante para o desenvolvimento da fluência” ao se adquirir uma segunda língua, quer seja oral ou sinalizada.

2.5. Aplicativos de tradução automática

Segundo Gauche (2013, p. 43) “a tradução automática [...] consiste na tradução de um idioma para outro por meio de computador” e possui alguns problemas quanto à sua qualidade. A tradução automática do Português para Libras está sujeita às mesmas questões que a tradução entre as línguas orais, porém com algumas especificidades (GAUCHE, p. 51).

Em 2013 surgiram no cenário digital contemporâneo os aplicativos *Hand Talk* e *ProDeaf*, que são ferramentas digitais gratuitas que fazem tradução automática “de palavras, frases ou pequenos parágrafos em Língua Portuguesa, escrita ou falada, para Libras, por meio de agentes animados 3D, sob a condição de intérpretes virtuais” (CORRÊA *et al*, 2018, p. 3).

Corrêa *et al* (2014^a, p. 168), ao analisarem os aplicativos *Hand Talk* e *ProDeaf*, observaram a predominância de potencialidades sobre as fragilidades, evidenciando “o caráter mediativo-inclusivo de ambos os aplicativos na relação comunicativa entre surdos e ouvintes”.

Foram identificadas seis potencialidades nos aplicativos de tradução automática que estudaram, sendo destacados neste trabalho a “facilitação da interação social entre surdos e ouvintes nas atividades cotidianas”, a “ampliação do arcabouço linguístico da Libras para o sujeito ouvinte” devido ao uso do dicionário existente nos aplicativos e a “facilidade de uso”, e cinco fragilidades, destacadas aqui a “ausência da expressão facial/corporal”, que é um dos parâmetros da Libras, e o “dicionário restrito”, com consequente prática de datilologia (CORRÊA *et al*, 2014a, p. 168, 169).

Corrêa *et al* (2014b, p. 9) afirma que pode-se considerar os aplicativos de tradução automática como “capazes de contribuir para a inclusão social da pessoa surda”, e que há uma aceitação dessas ferramentas junto ao universo amostral de sua pesquisa, corroborado pela predominância de aspectos positivos sobre os negativos, havendo posicionamentos favoráveis à utilização dos aplicativos mesmo nas situações em que foram apontadas fragilidades.

Os aplicativos mencionados “permitem mudanças interacionais relativas à qualidade de vida das pessoas surdas que, sem esses recursos digitais, teriam acesso mais restrito à Libras”, caracterizando-se por “oferecer acessibilidade, conveniência, viabilidade, simplicidade de acesso digital à Libras” (CORRÊA *et al*, 2017, p. 3, 4).

Corrêa *et al* (2017) depreende, a partir de outros estudos na área, que os aplicativos de tradução automatizada de Libras não são bons como intérpretes, e

possivelmente não serão, uma vez que o objetivo dessas Tecnologias Assistivas aparentemente não é o de substituir profissionais da Libras.

Inicialmente a proposta desses aplicativos era romper as barreiras de comunicação entre surdo e ouvinte, porém atualmente têm se enquadrado no contexto da Aprendizagem Móvel, que é aquela que possibilita acessar, visualizar e escolher conteúdos, estratégias e materiais para ensino e aprendizagem, a partir de dispositivos móveis, por meio de aplicativos ou páginas de internet (CORRÊA *et al*, 2017).

Corrêa *et al* (2018, p. 8), ao analisarem a tradução realizada pelos aplicativos *Hand Talk* e *ProDeaf*, consideraram que eles podem auxiliar “alunos e professores em processos de ensino e aprendizagem de Libras e em espaços sociais cotidianos”, mas que ainda é necessário melhorar o processo tradutório Língua Portuguesa-Libras destes aplicativos, a fim de aproximar os usuários ao léxico da Libras e evitar o uso de datilologia para traduzir termos que possuem sinalização específica em Língua Brasileira de Sinais.

2.6. Seleção de conteúdos para aprendizagem da Libras

Para Gesser (2010, p. 93), o termo currículo possui vários usos e definições, podendo estar relacionado desde aspectos mais amplos, até mais específicos, como da “seleção e gradação de conteúdos de uma determinada disciplina, comumente denominado como ‘conteúdo programático’ de um curso e/ou unidade”.

Segundo a Portaria nº 059, de 27 de julho de 2011, que regulamenta a Diretriz Curricular do Ensino no CBMDF aos Estabelecimentos de Ensino que ministram cursos ou estágios do CBMDF, “a necessidade e dificuldade de desenvolver uma metodologia de elaboração de currículo [...] é algo que os educadores têm se proposto a discutir continuamente e exaustivamente em congressos e estudos acadêmicos” (CBMDF, 2011, p. 4), “exige além de uma simples seleção de conteúdo, requer não apenas o enfoque técnico-científico, mas o enfoque cultural, sócio-político e ideológico” (CBMDF, 2011, p. 11).

A referida Portaria orienta que a seleção dos conteúdos que comporão a malha curricular dos cursos seja feita a partir do mapa de competências, categorizados em conteúdos conceituais, procedimentais e/ou atitudinais (CBMDF, 2011).

A necessidade de o CBMDF prestar atendimento pré-hospitalar aos pacientes surdos em Libras abre a oportunidade para questionamentos de como poderia ser definido um currículo voltado aos objetivos da Corporação no aprendizado dessa língua, quais conhecimentos serão considerados essenciais como parte do currículo, entre outros.

Campos (2013), ao estudar a comunicação entre socorrista e paciente no Manual de Atendimento Pré-Hospitalar, percebeu que ela é necessária na identificação do socorrista para o paciente, no pedido de permissão para ajudar, na determinação do nível de consciência e na coleta de informação pertinentes para o tratamento do paciente, bem como no processo de triagem em casos de acidentes com múltiplas vítimas.

2.7. Carga horária

Com a inclusão da disciplina Libras como obrigatória nos cursos de graduação de fonoaudiologia, pedagogia e licenciaturas, por meio do Decreto Federal nº 5.626/2005, e a falta de definição na legislação de qual deve ser a carga horária mínima necessária dessa disciplina, ficando a cargo de cada curso essa decisão, muito tem se discutido sobre a suficiência da carga horária de disciplinas de Língua de Sinais Brasileira nestes cursos.

Benassi *et al* (2012) observaram que a carga horária das disciplinas de Libras nos cursos de graduação tem variado entre 30 e 60 horas, com raras exceções apresentando carga horária igual ou superior a 100 horas. Vitaliano *et al* (2013), ao pesquisarem sobre a disciplina de Língua Brasileira de Sinais nos cursos de Pedagogia das Instituições de Ensino Superior dos Estados e São Paulo e Paraná, corroboraram com essa informação, dado que a carga horária variou entre 30 e 102 horas, sendo de 60 horas na maioria dos cursos.

Guarinello *et al* (2013, p. 338), ao estudarem sobre a disciplina de Libras em sete cursos de Fonoaudiologia no Brasil, encontraram uma carga horária média dessa disciplina de 60,8 horas, e que entre os alunos houve uma predominância da opinião de que “a carga horária destinada à referida disciplina é insuficiente”. Benassi *et al* (2012) concordam com a afirmação de que sessenta horas é uma carga horária insuficiente para a aprendizagem da Libras e Iachinski *et al* (2019) trazem a informação de que alguns estudos brasileiros apontam a insuficiência da carga horária da disciplina de Libras para seu aprendizado nas licenciaturas.

Guarinello *et al* (2013, p. 338) trouxeram como sugestão de definição de carga horária mínima para as disciplinas de Libras recorrer aos cursos de formação fornecidos pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), como parâmetro de análise. Esta instituição oferta “um curso básico, dividido em 6 módulos de 20hs cada, [...] um curso intermediário com um módulo de 30hs e [...] um curso avançado com um módulo de 30hs, totalizando 180hs”.

2.8. Cursos de Libras

Corpos de Bombeiros de diversos Estados do Brasil já realizaram cursos de Libras oferecidos por Órgãos Públicos, Universidades, Institutos Federais, a fim de capacitar seus militares a atuarem em atendimentos envolvendo pessoas surdas. Alguns institucionalizaram essa iniciativa de implementação da acessibilidade no atendimento de qualidade à população surda, incluindo a Língua Brasileira de Sinais em cursos de formação de praças e/ou oficiais.

O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG) incluiu a disciplina de Libras a partir do ano de 2010, com carga horária de 30 horas/aula, em que são ensinadas noções básicas da língua, nos cursos de formação da Corporação, para que haja “uma interação eficiente com o surdo em uma intervenção de emergência” (LEÃO, 2018, p. 28).

Em contato com Roberta de Macêdo Gomes Gomury, professora da disciplina de Libras no CBMMG, foi relatada sua solicitação de que a carga horária fosse aumentada para pelo menos 60h, uma vez que o aprendizado de uma língua não se restringe apenas a aprender vocabulário/léxico, mas ainda questões culturais

e legais, o que também acontece no ensino da Libras. A professora também ressaltou que o Decreto 5.626/2005 preconiza que o ensino da Libras deve ser exercido prioritariamente, mas não exclusivamente, por um professor surdo formado na área.

O CBMDF aprovou, por meio da Portaria 31, de 5 de setembro de 2017, o Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Oficiais (CFO), que está disponível em processo restrito no Sistema Eletrônico de Informação do Governo do Distrito Federal (CBMDF, 2016), no qual a disciplina de Libras foi incluída na malha curricular, também com a carga horária de 30 horas/aula. Segundo a ementa da disciplina, seu objetivo é

Desenvolver competências linguísticas essenciais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio de estruturas e vocabulário de nível iniciante. E ampliar as possibilidades de comunicação e interação profissional e social com surdos de forma natural (CBMDF, 2016, p. 135).

No ano de 2018, alunos do CFO do CBMDF participaram de um curso Libras Instrumental, com carga horária de 60 horas/aula, promovido pela parceria entre Universidade de Brasília e Instituto Federal de Brasília, cujo primeiro objetivo foi o de “oferecer aos militares a capacidade de se comunicar em nível básico com vítimas surdas”, formando os alunos “no nível A1 do quadro Europeu comum de Referência para línguas” (IFB, 2018).

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou-se do método dedutivo. Do ponto de vista da natureza pode ser classificada como aplicada, uma vez que objetiva gerar conhecimentos para solucionar a barreira de comunicação entre socorristas e pacientes surdos no atendimento pré-hospitalar.

Quanto aos objetivos pretendidos com esta pesquisa, ela pode ser caracterizada como exploratória, posto que vai proporcionar mais informações sobre o ensino e aprendizagem da Libras como segunda língua para os socorristas.

Segundo a natureza dos dados, a pesquisa é qualitativa, e teve como procedimentos técnicos as pesquisas bibliográfica e documental.

Por meio da pesquisa bibliográfica, pesquisou-se sobre a forma como ocorre a aquisição da fluência na Língua Brasileira de Sinais como segunda língua, sobre as habilidades e as competências que os profissionais do CBMDF que trabalharão com Libras precisam ter, e sobre a carga horária suficiente para o aprendizado da Libras.

Por meio de consulta ao Manual de APH do CBMDF, aos Procedimentos Operacionais Padrão da Corporação na área de Emergência Médica, bem como as ementas de disciplinas de Libras existentes nos Corpos de Bombeiros do Brasil, foi realizado o levantamento dos conteúdos relevantes para a prestação do serviço de APH aos pacientes surdos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Problemas de infraestrutura, organização ou planejamento podem dificultar o aprendizado de Libras como L2, bem como a ausência de materiais didáticos de ensino, baixa diversificação de atividades em sala de aula e exercícios de diálogo mal estruturados. Desta forma é preciso que haja uma metodologia organizada para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra da melhor maneira possível.

Diversas metodologias foram e ainda são utilizadas para o ensino de línguas orais e línguas de sinais como segunda língua. Entretanto, nenhuma dessas metodologias é capaz de abranger toda a complexidade da aprendizagem de L2 e/ou LE. Os diferentes métodos e abordagens para o ensino de línguas foram aperfeiçoando-se com o conhecimento proveniente dos anteriores, da pesquisa e da prática, ficando a cargo do professor decidir o que ensinar e como ensinar, conforme o seu público-alvo, sendo diferente para públicos diferentes.

Apesar de nenhuma metodologia ser suficiente para o aprendizado de LE e/ou L2, a adoção dos métodos da abordagem comunicativa são apontados como os mais adequados para o processo de ensino-aprendizagem. Nessa abordagem, “aprender línguas significa saber interpretar e produzir mensagens dentro de situações e contextos particulares” (GESSER, 2010, p. 7) e sua adoção para o ensino da Libras como L2 promove o contato do aprendiz da língua com todos os seus elementos, permitindo que este aprenda os sinais e sua utilização em frases e textos (BERNARDINO *et al*, 2018).

Para se aprender uma língua é necessário que o aprendiz desenvolva as competências linguística e comunicativa, sendo que esta última também engloba as competências cultural, sociolinguística, discursiva e estratégica.

Além destas competências acima, existe a profissional, definida pelo Conselho Nacional de Educação e presente no Regulamento de Preceitos Comuns dos Estabelecimentos de Ensino do CBMDF, que é aquela relacionada à ação eficaz diante do inesperado e do habitual para resolução de problemas rotineiros e inusitados (BRASIL, 2002). Pela própria descrição, a competência profissional é desejável aos

bombeiros militares que estejam aprendendo a Língua Brasileira de Sinais, uma vez que, além de conhecer a língua, é necessário que eles saibam aplicar esse conhecimento em situações cotidianas e excepcionais.

Ainda falando sobre competências na aquisição de línguas, tem-se o QECRL, um documento elaborado pelo Conselho da Europa acerca do ensino de línguas orais, composto de seis níveis de proficiências, que funcionam como parâmetros da competência comunicativa e podem fornecer orientação aos professores e planejadores de currículo. Posteriormente foi desenvolvido o LS-QECRL para as Línguas de Sinais, com as mesmas funções que o QECRL. O LS-QECRL pode, portanto, ser utilizado como parâmetro para planejamento do currículo de um curso de Libras, a partir do nível de proficiência mínimo desejado pela Corporação para seus militares.

Outro aspecto apontado na literatura como necessário para aprender uma língua, tanto oral quanto sinalizada, e desenvolver fluência nela é o processo interação num meio em que a língua é utilizada e vivência em situações contextualizadas. Portanto o aspecto da interação com a comunidade surda também deve permear o ensino da Libras para os bombeiros.

No cenário contemporâneo existem aplicativos de tradução automática do Português para a Libras, como o *Hand Talk* e *ProDeaf Móvel*, que fazem essa tradução para “palavras, frases ou pequenos parágrafos em Língua Portuguesa, escrita ou falada, para Libras, por meio de agentes animados 3D, sob a condição de intérpretes virtuais” (CORRÊA *et al*, 2018, p. 3). Esses aplicativos facilitam a interação entre ouvintes e surdos no cotidiano, ampliam o vocabulário da Libras para ouvintes e tem facilidade de uso, porém com as fragilidades da falta de expressão facial/corporal, que é um importante parâmetro dessa língua, e do dicionário restrito, que leva à utilização da datilologia para traduzir termos que possuem sinal em Libras.

Entretanto essas tecnologias não são boas como intérpretes, porque não foram desenvolvidos com esse objetivo e porque fazem a tradução em apenas do Português para a Libras. Tais aplicativos, porém, podem auxiliar alunos e professores no ambiente de ensino e aprendizagem da Libras, com a ressalva de que ainda é

necessário melhorar sua tradução, para abranger ao máximo o léxico da Língua Brasileira de Sinais.

A Diretriz Curricular do Ensino no CBMDF aos Estabelecimentos de Ensino que ministram cursos ou estágios do CBMDF traz que a metodologia de elaboração do currículo deve passar pela seleção de conteúdo, mas ir além, considerando o enfoque cultural, sócio-político e ideológico. Essa mesma diretriz orienta que a malha curricular de um curso seja elaborada a partir do mapa de competências, classificando os conteúdos em conceituais, procedimentais e/ou atitudinais.

Verificou-se que não há definição na legislação de uma carga horária mínima de disciplinas de Libras nos cursos de graduação, o que gera discussões sobre qual seria o mínimo adequado. Foi encontrada na literatura uma variação de carga horária entre 30 e 102 horas, com predominância de 60 horas. Estes estudos apontam esta carga horária como insuficiente para o aprendizado da Libras nos cursos de licenciatura. Apenas um dos estudos apresentou sugestão de definição de carga horária mínima para as disciplinas de Libras, sendo de 180 horas.

Apesar de alguns Corpos de Bombeiros já terem realizado cursos de Libras oferecidos por outras instituições, poucas Corporações tornaram institucional a inserção da Língua Brasileira de Sinais em cursos de formação e/ou especialização, havendo atualmente a disciplina de Libras no curso de formação de oficiais do CBMDF e nos cursos de formação de sargentos e habilitação de oficiais do CBMMG, em todos esses casos com uma carga horária de 30 horas. Pelo que foi visto na literatura, essa quantidade de horas é insuficiente para o aprendizado de uma língua.

Uma vez que os níveis de proficiência do LS-QECRL são apenas descritivos e não correspondem, obrigatoriamente, a uma carga horária ou período de aprendizado, definir o nível de proficiência desejado naquele quadro não implica em definir a carga horária necessária para atingi-lo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos realizados anteriormente no CBMDF por Santos (2009) e Campos (2013) ressaltam a importância da utilização da Libras no atendimento aos pacientes surdos, a fim de melhorar a qualidade do serviço prestado pela Corporação e observar a legislação vigente referente ao atendimento à população surda.

Para que haja esse atendimento à população surda por meio da Língua Brasileira de Sinais é necessário que seus militares sejam capacitados nessa língua. E para melhorar o processo de ensino-aprendizagem da Libras como segunda língua é necessária uma metodologia organizada.

Apesar de a literatura trazer que não há um método único suficiente para o ensino de língua estrangeira ou segunda língua e que o professor/instrutor é o responsável por adaptar a metodologia de acordo com o público-alvo, a abordagem comunicativa é apontada como a mais adequada. Desta forma, um curso de Libras para bombeiros deve ter esta abordagem como base.

O LS-QECRL é composto por seis níveis de proficiência, que servem como parâmetros da competência comunicativa, e pode auxiliar no planejamento de currículo e fornecer orientações aos professores. A partir desse quadro é possível definir o nível de proficiência desejado pelo CBMDF para os profissionais que farão atendimento aos pacientes surdos, definindo assim as competências que serão desenvolvidas no curso de Libras a ser oferecido pela Corporação aos seus militares.

Analisando os Níveis Comuns de Referência para a fluência sinalizada definidos no LS-QECRL, é possível inferir que o nível A1 seja adequado para um bombeiro militar prestar atendimento pré-hospitalar, uma vez que boa parte dos enunciados com que precisará lidar são previamente formulados por meio de procedimentos operacionais padrão e manuais.

Constam como apêndice neste trabalho um mapa de competências para o ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais para formação de alunos no nível A1 do LS-QECRL, a malha curricular de um curso com essa finalidade e a Minuta

de Portaria com a proposta de criação de um curso voltado para bombeiros, com enfoque no atendimento pré-hospitalar.

Essa proposta de curso possui carga horária de 75 horas e tem como público-alvo os bombeiros militares que atuam com o atendimento pré-hospitalar, prioritariamente os que possuem os cursos de APH-B e CSU.

6. RECOMENDAÇÕES

A partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, recomenda-se:

1. Criar um curso de especialização em Língua Brasileira de Sinais com enfoque no atendimento pré-hospitalar;
2. Elaborar um plano de instrução continuada para os militares com capacitação em Libras, a fim de manter a fluência adquirida;
3. Reformular o Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Oficiais, ampliando a carga horária de Libras de 30 horas para 60 horas, divididas em 2 semestres;
4. Reestruturar o Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Praças, incluindo na malha curricular uma disciplina de Libras, com pelo menos 60 horas;
5. Promover aproximação com Instituições de Ensino Superior e de Ensino Profissional públicas que atuem no ensino da Libras, para promover a capacitação dos bombeiros para atendimento à Comunidade Surda.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

BENASSI, Cláudio Alves; DUARTE, Anderson Simão; PADILHA, S. de J. Libras no ensino superior: sessenta horas para aprender a língua e/ou como se estrutura. **Norteamentos**. v.5, n.10, p. 48-60, jul./dez. 2012.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; PASSOS, Rosana. Estratégias de Ensino da Língua Brasileira de Sinais como Segunda Língua. **Revista Trama**, v. 14, n. 32, p. 27-39, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 29/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília – DF, 13 dez. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília – DF, 23 dez. 2005.

CAMPOS, Mateus Barros e Silva. **A implantação da Língua Brasileira de Sinais no Atendimento Pré-Hospitalar pelo Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal: uma forma de potencializar a qualidade do serviço prestado aos pacientes surdos**. 2013. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação de Oficiais) – Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, DF, 2013.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação**. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. Comandante-Geral. Portaria nº 59, de 27 de julho de 2011. [Regulamenta a Diretriz Curricular para o Ensino no CBMDF aos Estabelecimentos de Ensino que ministram cursos ou estágios do CBMDF]. **Boletim Geral** nº 145, de 01 de agosto de 2011.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. Comandante-Geral. Portaria nº 31, de 5 de setembro de 2017. [Aprovação e publicação do Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Oficiais (CFO), e dá outras providências]. **Boletim Geral** nº 170, de 06 de setembro de 2017.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. **Projeto Pedagógico do Curso de Formação de Oficiais**. ABMIL/DIVEN/SETEN. Brasília: 2016. Disponível em: SEI-GDF, classificação: restrito. Acesso em: 03 dez. 2019.

CORRÊA, Ygor; GOMES, Rafael Peduzzi; RIBEIRO, Vinícius Gadi. Aplicativos de Tradução Português-Libras na Educação Bilíngue: desafios frente à desambiguação. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, 2017, v. 15, n. 2, pp. 1-10.

CORRÊA, Ygor; GOMES, Rafael Peduzzi; RIBEIRO, Vinícius Gadi. Aplicativos de Tradução Português-Libras na Educação Bilíngue de Surdos: tradução por meio de sinais ou datilologia? **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, 2018, v. 16, n. 1, pp. 1-10.

CORRÊA, Ygor *et al.* Tecnologia Assistiva: a inserção de aplicativos de tradução na promoção de uma melhor comunicação entre surdos e ouvintes. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 12, p. 1-10, 2014a.

CORRÊA, Ygor *et al.* Aplicativos de tradução para Libras e a busca pela validade social da Tecnologia Assistiva. In: **XXV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação** (SBIE 2014), 2014b, Dourados. Sociedade Brasileira de Computação SBC, p. 164-173.

GAUCHE, Sandra Maria. **Aspectos linguísticos da tradução automática da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): uma reflexão inicial**. 2013. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Revisão de Textos) – Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD), Brasília, DF, 2013.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: 2010.

GOMES, Leticia Ferreira *et al.* Conhecimento de Libras pelos Médicos do Distrito Federal e Atendimento ao Paciente Surdo. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 390-396, set. 2017.

GUARINELLO, Ana Cristina *et al.* A Disciplina de Libras no Contexto da Formação Acadêmica em Fonoaudiologia **Rev. CEFAC**. v. 15, n. 2, p. 334-340, Mar.-Abr. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **IFB e UnB ofertam curso de Libras para Bombeiros Militares do Distrito Federal.** Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/recantodasemas/17233-ifb-e-unb-ofertam-curso-de-libras-para-bombeiros-militares-do-distrito-federal>.

JALIL, Samira. A.; PROCAILO, Leonilda. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE); III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. Curitiba, 2009. **Anais...** Curitiba, 2009. p. 774-784.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; CAPORALI, Sueli Aparecida; LODI, Ana Claudia. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 16, n.1, p. 53-63, abr. 2004.

LEÃO, Leonardo Teixeira. **Inclusão das Pessoas com Deficiência Auditiva no Acionamento do Serviço de Urgência e Emergência do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais em Uberlândia/MG.** 2018. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica e Políticas Públicas) – Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho, Belo Horizonte, Minas Geral, 2018.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; SANTOS, Angela Nediane dos. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1073-1094, dez. 2014.

LEESON, Lorraine *et al.* **Sign Languages and the CEFR for Languages.** European Centre for Modern Languages, 2016.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

LEITE, Tarcísio de Arantes; MCCLEARY, Leland. Estudo em diário: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. In: QUADROS, Ronice de Müller; STUMPF, Marianne Rossi (Org.). **Estudos Surdos IV.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2002. OLIVEIRA, Luciano Amaral. O Conceito de Competência no Ensino de Línguas Estrangeiras. **Sitientibus**, Bahia, Feira de Santana, n.37, jul./dez., p. 61-74, 2007.

SANTOS, Jeyveson da Silva. **A Língua Brasileira de Sinais no Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal.** 2013. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) – Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, DF, 2009.

SILVA, Jorge Francisco da. **How good is your english? Um estudo dos níveis de proficiência do quadro comum europeu**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

SILVA, Lídia da. **Fluência de ouvintes sinalizantes de libras como segunda língua: foco nos elementos da espacialização**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

SILVA, Roseli Reis da. O ensino da LIBRAS para ouvintes: análise comparativa de três materiais didáticos. In: ALBRES, Neiva de Aquino (Org.). **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**. 1 ed. São Paulo: FENEIS, 2012.

VITALIANO, Celia Regina; DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza; BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. A disciplina de Língua Brasileira de Sinais nos currículos dos cursos de Pedagogia. **Boletim técnico do Senac**: a revista da educação profissional. Rio de Janeiro: Senac/Departamento Nacional/Gerência de Marketing e Comunicação, v. 39, n. 2, maio/ago, 2013.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005

ANEXO

ANEXO A

Ementa da Disciplina de Libras do CFO do CBMDF

LIBRAS

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Academia de Bombeiro Militar - ABMIL		
Curso: CFO – Curso de Formação de Oficiais		
Ano de elaboração: 2016	Núcleo: Comunicação	
Disciplina: Libras	Carga horária: 30 h/a	

2. OBJETIVO

Desenvolver competências linguísticas essenciais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio de estruturas e vocabulário de nível iniciante. E ampliar as possibilidades de comunicação e interação profissional e social com surdos de forma natural.

3. EMENTA

A língua e sua estrutura; O alfabeto, a linguagem e o processo de comunicação em Libras.

4. COMPETÊNCIAS

- Conhecer aspectos básicos da Libras;
- Saber expressar-se em Libras e compreender seus falantes;
- Considerar a importância do atendimento diferenciado a pessoas que demandam esse tipo de serviço;
- Atentar para a necessidade do desenvolvimento contínuo da Libras.

5. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I

Carga horária: 10 h/a

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	Modalidade
1. A língua e sua estrutura: 1.1. Estrutura linguística da Libras; 1.2. Estrutura sublexical dos sinais a partir de duas unidades mínimas distintivas; 1.3. Formação dos itens lexicais ou sinais a partir de morfemas; 1.4. Estruturação de sentenças em Libras.	Presencial

UNIDADE II

Carga horária: 20 h/a

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	Modalidade
2. O alfabeto, a linguagem e o processo de comunicação em Libras: 2.1. Aquisição da Linguagem por crianças surdas; 2.2. Introdução à Gramática: 2.2.1. As categorias gramaticais na Libras; 2.3. Sistema de transcrição para a Libras; 2.4. Os processos de formação de palavras na Libras; 2.5. Tipos de frases na Libras; 2.6. O alfabeto manual e como utilizá-lo.	Presencial

6. INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS E RECURSOS MULTISENSORIAIS

Os procedimentos de ensino devem incluir atividades que possibilitem a ocorrência da aprendizagem como processo dinâmico. Considerando o isso, quanto mais atividades de demonstração e exemplificação por parte do Instrutor e atividades práticas por parte dos alunos, melhor será para o processo de aprendizagem. Portanto, a partir do exposto, recomenda-se:

- Partir do universo conhecido, associando a informação nova aos padrões anteriormente convencionados;
- Usar linguagem direcionada à diversidade cultural que permeia a língua e a multiplicidade de tipos humanos que participarão da atividade;
- Realizar exercícios a partir de situações simuladas, estudo de casos ou exemplos, oportunizando ao aluno a vivência e a contextualização dos conteúdos apresentados;
- Estimular a troca de informações e a inter-relação instrutor/aluno, aluno/aluno;
- Associar a palavra falada ou escrita à projeção de imagens, objetivando a formação da imagem mental o mais próximo possível do real, facilitando a compreensão e fixação da informação;
- Apresentar os conteúdos de maneira dinâmica e interativa, estimulando a atenção e despertando o interesse;
- Aproveitar histórias e termos locais para ilustrar a informação;
- Estar atento à cultura local evitando constrangimentos;
- Aproveitar os recursos multimídia que a informática oferece, estimulando a memória visual e auditiva, objetivando melhor compreensão e maior fixação das informações novas e ainda não vivenciadas;
- Propiciar momentos de descontração alternados aos de atenção e tensão, objetivando simular a situação que será vivida pelos alunos em seu ambiente real de trabalho.

Para a consecução das competências elencadas, poderão ser utilizadas, dentre outras abordagens:

- Aulas expositivas empregando: quadro branco, retroprojeter, PowerPoint e lousa
- digital interativa;
- Seminários para apresentação de trabalhos de pesquisa;
- Resolução de problemas;
- Estudos dirigidos em sala de aula;
- Estudos de caso;
- Listas de tarefas;
- Discussões em grupo;
- Discussões dirigidas;
- Investigação científica;
- Debate cruzado;
- Demonstração / aula prática;
- Simulados e simulacros;
- Visitas.

Realizar exercícios selecionados em função dos objetivos e ajustados aos conteúdos.

Considerar a seguinte ordem de aplicação:

- **1º - Exercícios de aprendizagem:** realizados sob a orientação do instrutor/professor seguindo um passo a passo a partir do raciocínio mais simples ao mais complexo objetivando a compreensão e a aplicação prática. Cabe ao instrutor/professor esclarecer as dúvidas dos alunos, ajustar e/ou corrigir.
- **2º - Exercícios de fixação:** realizados com repetição que visam a memorização das variáveis e suas aplicações, a melhoria de desempenho, a redução do tempo de execução, ou ainda a melhoria da integração entre os elementos de uma equipe ou guarnição. Deve ser realizado pelo aluno individualmente ou em grupos conforme a natureza dos conteúdos. Ao professor/instrutor cabe supervisionar e interferir apenas naquilo que for indispensável. O aluno deve exercitar a autonomia.
- **3º - Exercícios de revisão:** Consistem num rol de atividades que o aluno ou grupo de alunos devem desenvolver sem consulta aos materiais informativos. Devem conter todas as variáveis estudadas. Ao instrutor/professor cabe observar e interferir apenas no essencial ou quando houver risco para o aluno/grupos de alunos.
- **4º - Exercícios de avaliação:** são as chamadas provas que têm por finalidade verificar a aprendizagem dos conteúdos ministrados. Estas devem seguir a Norma Geral de Avaliação e Medidas de Aprendizagem em vigor. Essa atividade é a penúltima etapa do processo sendo a última o feedback. Assim, depois de realizadas e corrigidas, o instrutor/professor deve

aproveitar a aula seguinte para esclarecer possíveis dúvidas e até rever algum conteúdo de dificuldade comum à maioria antes de iniciar um novo conteúdo.

Recomenda-se o uso dos recursos abaixo listados e todos os outros que contribuam com a aprendizagem e auxiliem o ensino:

➤ **Recursos Humanos:**

- Professor/Instrutor;
- Alunos;
- Pessoal escolar.

➤ **Recursos audiovisuais:**

- Projetor/Data show;
- Microcomputador com software de apresentação de slides, tipo MS Power Point,
- softwares que possibilitem a execução de vídeos e áudios;
- Aparelho de televisão;
- DVD/CD-ROM entre outros;
- Internet;
- Lousa interativa;
- Quadro branco e canetas adequadas.

➤ **Recursos materiais:**

- *Notebook.*

7. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem ocorrerá de maneira:

1. **Qualitativa:** será realizada pelo docente ao final de cada uma das unidades ou módulos apresentados. Pode ser efetuada por amostragem da turma ou de maneira geral, tendo como foco a análise do alcance dos objetivos.
2. **Quantitativa:** será realizada pelo docente a intervalos regulares, considerando a carga horária da disciplina, sua natureza e necessidades específicas de verificação da aprendizagem. Poderão ser usadas provas escritas e práticas.

A avaliação quantitativa do processo ensino-aprendizagem dar-se-á por meio de: **uma prova (VC) e listas de exercícios (VI)**. Essa avaliação pode ser complementada com atividades práticas incluindo conversão de textos e música para Libras.

Todo o processo de avaliação deve estar em conformidade com as normas de avaliação em vigor na Corporação.

3. REFERÊNCIAS

REFERÊNCIA BÁSICA

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIA, Aline Cristina L. **Novo DEIT-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: libras: baseado em linguística e neurociência cognitiva: sinais de A a H. 3. ed. vol. 1. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. **Novo DEIT-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: libras: baseado em linguística e neurociência cognitiva: sinais de I a Z. 3. ed. vol. 2. São Paulo: Edusp, 2013.

GESSER, Audrei. **Libras**: que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PEREIRA, Maria Cristina Da Cunha. **Libras**: conhecimento além dos sinais. [S.l.]: Pearson, 2013.

BRANDÃO, Flavia. **Dicionário ilustrado de Libras**. São Paulo: Global Editora, 2011.

SEGALA, Sueli Ramalho. **ABC em Libras**. São Paulo: Panda Books, 2009.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

FALCAO, Luiz Alberico. **Surdez, cognição visual e Libras**. [S.l.: s.n.], 2010.

ANEXO B

Ementa da Disciplina de Libras do CFO do CBMMG



ACADEMIA DE BOMBEIROS MILITAR

PLANO DA DISCIPLINA		
1 NOME DO CURSO: Curso Superior de Tecnologia em Segurança Pública – Gestão e gerenciamento de Catástrofe.		
2 DISCIPLINA: Libras	3 CARGA HORÁRIA: 30 horas	
4 COORDENADOR(ES): CAP BM Moisés		
5 PROFESSOR(ES): Roberta de Macedo Gomes		
6 EMENTA: Introdução aos aspectos linguísticos da Libras, aspectos sócio-antropológicos relacionados a pessoa surda, aspectos culturais presentes na Comunidade Surda. E aquisição de um léxico construídos dos sinais compostos pela Libras, bem como construção de diálogos e de frases. Leis que foram um marco para a comunidade surda.		
7 OBJETIVO DA DISCIPLINA: A necessidade do aprendizado da Libras – Língua Brasileira de Sinais, vem atender, as demandas atuais da nossa sociedade. É direito de todo cidadão ter segurança. E possibilitar à segurança a pessoa Surda. Levar em conta sua cultura e sua língua. Dessa forma o aprendizado da Libras reconhecida pelo Governo Federal como meio de comunicação da Comunidade Surda se torna uma ponte para um atendimento eficaz e de qualidade para esses cidadãos. Sendo que ao final da disciplina o aluno será capaz de estabelecer um diálogo básico com a pessoa Surda, principalmente nas operações do Corpo de Bombeiro Militar de Minas Gerais.		
8 OBJETIVOS ESPECÍFICOS: a) Obter um panorama da Cultura Surda; b) Identificar causas excludentes alusivas aos surdos na sociedade; c) Identificar um surdo em situação de emergência d) Atender as solicitações de vítimas que são surdas em situação de emergência; e) Conhecer a estrutura básica da Libras; f) Constituir um léxico básico e formação de frases importantes para comunicar com os surdos em situação emergencial; g) Expressar-se de forma simples e objetiva com vítimas que são surdas.		
9 DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS		

Conteúdo Programático por unidades	Procedimentos didáticos por unidade	Recursos didáticos	Nº de horas/aula
UNIDADE I 1) Aspectos culturais e sociais presentes na comunidade surda; 2) Grau e causas de surdez; 3) Alfabeto manual e números; 4) Sinais diversos da Libras.	Aula expositiva Simulação de diálogos em Libras Trabalhos em grupos Vídeo em Libras Obs.: poderá ser usado um ou mais desses procedimentos.	Lousa/pincel Datashow	10h
UNIDADE II 1) O que é a Libras – Língua Brasileira de Sinais; 2) Aspectos linguísticos da Libras; 3) Sinais diversos da Libras.	Idem	Idem	10h
UNIDADE III 1) Frases usadas para dicas de segurança; 2) Diálogos práticos; 3) Sinais diversos da Libras.	Idem	Idem	10h

10 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

ASSUNTOS PREVISTOS	AVALIAÇÕES		PROCESSO DE AVALIAÇÃO
	Tipo de avaliação	Duração	
- Identidades Surdas - A língua de sinais é universal? A língua de sinais é artificial? É possível expressar conceitos abstratos na língua de sinais? - Surdo, surdo-mudo, ou deficiente auditivo? O surdo precisa ser oralizado para se integrar na sociedade ouvinte? O surdo não fala porque não ouve? - A surdez é um problema para o surdo? A surdez é uma deficiência? Por que a surdez é vista negativamente pela sociedade?	- Apresentação de trabalho (02 pontos) - Verificação final (08 pontos)	- 50 minutos - 100 minutos	- Apresentação de trabalho em grupo - Verificação final: prova teórica

- Cultura Surda: símbolo de identidades, meios de interação social, início de conversa, assegurar a comunicação, compartilhar informação. - Depositário de conhecimento cultural: valores, costumes, grupos e pontos de encontro, informação cultural. - Frases em Libras e o alfabeto manual - Dicas de Segurança apresentadas em Libras			
--	--	--	--

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Acessibilidade. Brasília: Secretária Especial dos Direitos Humanos, 2005.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (Edit.). Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 2 v.
- FERNANDES, Eulália. Linguagem e surdez. Porto Alegre: Artemed, 2003. p. 155.
- GESSER, Audrei. LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da Língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de ensino; 14).
- QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artemed, 2004. 224p.
- SKLIAR, Carlos (Org) (1998). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- QUADROS, Ronice Muller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEEP, 2003.
- HONORA, Márcia, FRIZANCO Mary Lopes Esteves. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

- HONORA, Márcia, FRIZANCO Mary Lopes Esteves. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos / Oliver Sacks: tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SITES DE PESQUISA:

www.feneis.com.br

www.editora-arara-azul.com.br

www.boletim@sentidos.com.br

www.acessobrasil.org.br

www.ines.gov.br

APÊNDICES

APÊNDICE A
Mapa de Competências

Curso: Libras para o atendimento pré-hospitalar Público-alvo: bombeiros militares que possam atender público surdo Carga horária: 75 horas		
Conhecimentos	Habilidades	Atitudes
- Conhecer a Libras e seus parâmetros; - Conhecer a gramática da Libras; - Conhecer o uso de classificadores na Libras; - Conhecer os aspectos legais sobre o atendimento diferenciado às pessoas surdas; - Conhecer a cultura surda.	- Ser capaz de lidar com enunciados muito curtos, isolados, principalmente previamente elaborados; - Ser capaz de construir frases de tópicos desconhecidos, com facilidade suficiente para lidar com trocas curtas, apesar de hesitação muito perceptível e falsos começos; - Ser capaz de se fazer entender em pequenas contribuições, mesmo que pausas, falsos inícios e reformulações sejam muito evidentes; - Ser capaz de resolver problemas rotineiros e inesperados ao atender um usuário da Libras.	- Considerar a importância do atendimento diferenciado às pessoas necessitam dele; - Atentar para a necessidade de desenvolvimento contínuo da Libras; - Perceber a necessidade da interação com falantes nativos da Libras para desenvolvimento da fluência.

Fonte: O autor

APÊNDICE B

Seleção de Conteúdos a partir do Mapa de Competências

Curso: Libras para o atendimento pré-hospitalar

Público-alvo: bombeiros militares que possam atender público surdo

Carga horária: 75 horas

Conteúdos conceituais	Conteúdos procedimentais	Conteúdos atitudinais
- O que é a Libras? - Como a Libras é estruturada? - O que são classificadores na Libras? - Aspectos legais sobre o atendimento diferenciado às pessoas surdas; - Cultura surda.	- Datilologia (alfabeto manual); - Vocabulário básico; - Vocabulário específico; - Frases em Libras.	- Importância do atendimento diferenciado às pessoas surdas; - Prática em situações contextualizadas; - Interação com falantes nativos de Libras para aquisição da fluência na língua.

Fonte: O autor

APÊNDICE C

**Minuta de Portaria de Criação do Curso de Especialização em
Língua Brasileira de Sinais para Atendimento Pré-Hospitalar**

PORTARIA DE CRIAÇÃO DO CURSO DE LIBRAS PARA BOMBEIROS

Portaria nº _____, de _____ de _____ de 2020.

Cria o Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para Bombeiros e dá outras providências.

O COMANDANTE-GERAL do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o art. 7º, inciso II, III, e VI do Decreto Federal 7.163, de 29 abr. 2010, que regulamenta o art.10B, inciso I, da Lei 8.255, de 20 nov.1991, que dispõe sobre a organização básica do CBMDF, e observando a instrução do Processo SEI 0053- 002561/2014, resolve:

Art. 1º Criar o Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar – CELibras, e aprovar a Malha Curricular, o Plano do Curso e os Planos de Ensino, conforme os Anexos I, II e III desta Portaria, respectivamente.

Parágrafo Único. O CELibras será ministrado pela DIREN.

Art. 2º Instituir o brevê do CELibras conforme descrições, uso e heráldicas constante do Anexo IV desta Portaria.

Parágrafo Único. O brevê será concedido aos militares aprovados no CELibras.

Art. 3º Os meios necessários para o funcionamento do curso deverão ser providenciados pelo Departamento de Ensino, Pesquisa, Ciência e Tecnologia (DEPCT), por intermédio da Diretoria de Ensino (DIREN).

Art. 4º A DIREN deverá cumprir as orientações previstas nas Normas do Sistema de Ensino vigentes na Corporação.

Art. 5º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

LIZANDRO PAIXÃO DOS SANTOS – Cel. QOBM/Comb.
Comandante-Geral

ANEXO I

MALHA CURRICULAR

Nº	Módulo	Carga horária
I	A Libras e a Constituição Linguística do Sujeito Surdo	15 h/a
II	Fonologia e Morfologia da Libras	15 h/a
III	Morfossintaxe da Libras	15 h/a
IV	Libras Aplicada ao Atendimento Pré-Hospitalar	20 h/a
Soma Parcial I		65 h/a

Atividades Complementares de Ensino

Nº	Módulo	Carga horária
I	Avaliação	5 h/a
II	Coordenação	5 h/a
Soma Parcial II		10 h/a

Carga horária total		75 h/a
---------------------	--	--------

ANEXO II

PLANO DO CURSO

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: DIREN
Curso: Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para Bombeiros
Ano de Elaboração do Currículo: 2019
Aprovação do Currículo:
Previsão de Duração do Curso: 8 semanas

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

- Capacitar o bombeiro militar a prestar atendimento ao paciente surdo com a utilização da Língua Brasileira de Sinais, obedecendo a legislação, respeitando a cultura surda e melhorando a comunicação com o paciente.

2.2. Específicos

- Conhecer os aspectos sociais e culturais presentes na comunidade surda;
- Entender os aspectos legais do atendimento ao paciente surdo;
- Apreender os aspectos básicos da Libras;
- Compreender a importância da Libras no atendimento ao paciente surdo;
- Desenvolver a competência comunicativa em Libras;
- Constituir um léxico básico necessário à comunicação com os surdos em situação emergencial;
- Expressar-se de forma simples e objetiva com pacientes surdos.

3. TIPOS DE AVALIAÇÃO

As avaliações deverão estar em conformidade com as normas de avaliação em vigor na Corporação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em Libras**, v. 5: Medicina e Saúde. São Paulo: Edusp, 2018.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIA, Aline Cristina L. **Novo DEIT-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: libras: baseado em linguística e neurociência cognitiva: sinais de A a H. 3. ed. vol. 1. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIA, Aline Cristina L. **Novo DEIT-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: libras: baseado em linguística e neurociência cognitiva: sinais de I a Z. 3. ed. vol. 2. São Paulo: Edusp, 2013.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. Comandante-Geral. Aprovação dos Protocolos Operacionais Padrão – POP's. **Boletim Geral** nº 237, de 17 de dezembro de 2015.

GESSER, Audrei. **Libras**: que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS. **PHTLS** - Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado. Tradução de Renata Scavone *et al.* 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RASIA, Carlos Alberto *et al.* **Manual de Atendimento Pré-hospitalar**. 1ª ed. Brasília: CBMDF, 2007.

ANEXO III

PLANOS DE ENSINO

A LIBRAS E A CONSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA DO SUJEITO SURDO

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Diretoria de Ensino	
Curso: Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar	
Ano de elaboração: 2019	
Disciplina: A Libras e a Constituição Linguística do Sujeito Surdo	Carga-horária: 40 h/a

2. EMENTA

Introdução aos aspectos sociais e culturais da comunidade surda e à legislação importante para a comunidade surda, noções de aspectos linguísticos da Libras, alfabeto datilológico e aquisição de léxico da Língua de Sinais Brasileira.

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO / COMPETÊNCIAS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	COMPETÊNCIAS
• Surdez • Cultura surda • Aspectos legais • O que é a Libras • Noções gerais da gramática da Libras • Alfabeto manual ou datilológico	Conhecimentos
	• Conhecer as causas e graus de surdez • Compreender o que é a Libras • Entender a estrutura gramatical da Libras • Aprender o alfabeto datilológico
	Habilidades

	• Saber utilizar o alfabeto datilológico na soletração
	Atitudes
	• Utilizar a terminologia correta para referir-se à surdez • Conscientizar-se acerca da legislação de atendimento à pessoa surda • Perceber o respeito à cultura surda como respeito ao indivíduo surdo • Compreender que a Libras é de fato uma língua

FONOLOGIA E MORFOLOGIA DA LIBRAS

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Diretoria de Ensino	
Curso: Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar	
Ano de elaboração: 2019	
Disciplina: Fonologia e Morfologia da Libras	Carga-horária: 40 h/a

2. EMENTA

Noções de morfologia e fonologia da Libras, expressões faciais e corporais componentes da língua.

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO / COMPETÊNCIAS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	COMPETÊNCIAS
• Parâmetros fonológicos • Componentes não-manuais • Aspectos morfológicos • Práticas de Libras	Conhecimentos
	• Conhecer os parâmetros fonológicos da Libras • Aprender vocabulário da Libras
	Habilidades
	• Aplicar os parâmetros fonológicos da Libras • Utilizar as expressões faciais e corporais
	Atitudes
	• Perceber a complexidade da fonologia da Libras

	• Depreender a importância dos componentes não-manuais da Libras
--	--

MORFOSSINTAXE DA LIBRAS

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Diretoria de Ensino	
Curso: Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar	
Ano de elaboração: 2019	
Disciplina: Morfossintaxe da Libras	Carga-horária 40 h/a

2. EMENTA

Noções de morfossintaxe da Língua Brasileira de Sinais.

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO / COMPETÊNCIAS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	COMPETÊNCIAS
• A sintaxe e a incorporação de funções gramaticais • Estrutura gramatical do léxico • Verbos direcionais ou flexionados • A negação em Libras • Práticas de Libras	Conhecimentos
	• Aprofundar o conhecimento sobre a estrutura gramatical da Libras • Ampliar o vocabulário da Libras • Aprender sobre verbos direcionais ou flexionados • Assimilar o funcionamento da negação na Libras
	Habilidades
	• Utilizar os verbos direcionais ou flexionados • Empregar a negação na Libras

	Atitudes
	• Observar a riqueza da morfossintaxe da Libras

LIBRAS APLICADA AO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

1. IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Diretoria de Ensino	
Curso: Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar	
Ano de elaboração: 2019	
Disciplina: Libras Aplicada ao Atendimento Pré-Hospitalar	Carga-horária 30 h/a

2. EMENTA

Avaliação do paciente, método START, escala de coma de Glasgow, comunicação com o paciente no Atendimento Pré-Hospitalar e léxico específico da área de saúde.

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO / COMPETÊNCIAS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	COMPETÊNCIAS
• Importância da comunicação com o paciente no APH • Sinais da área de saúde • Avaliação do paciente • Método START • Escala de coma de Glasgow • Ocorrências simuladas	Conhecimentos
	• Revisar os protocolos de Atendimento Pré-Hospitalar em que há comunicação com o paciente • Aprender o vocabulário específico da área da saúde
	Habilidades

	• Empregar os sinais aprendidos em situações simuladas de atendimento
	Atitudes
	• Perceber a importância da comunicação em Libras para a qualidade do atendimento ao paciente surdo

ANEXO IV

BREVÊ

O distintivo do Curso de Especialização em Língua Brasileira de Sinais para o Atendimento Pré-Hospitalar (CELibras) terá as seguintes características:

1. Chamas estilizadas conforme padrão estabelecido pelo CBMDF no Regulamento de Uniformes.



2. Escudo circular, com preenchimento na cor azul e linha de contorno na cor dourada, contendo as inscrições “Curso de Especialização” na parte superior e “Libras para Bombeiros” na parte inferior, ambas na cor dourada.



3. Escudo circular, com preenchimento na cor azul e linha de contorno na cor dourada, contendo o símbolo “Acessível em Libras” na cor branca.



4. Os círculos presentes nos escudos simbolizam a necessidade de aperfeiçoamento contínuo pelo qual o profissional que trabalha com a Libras precisa submeter-se.
5. A cor azul representa os movimentos sociais da Comunidade Surda.
6. O símbolo “Acessível em Libras” representa a tradução/interpretação para Libras, a partir da Língua Portuguesa, ou vice-versa.

7. Confeccionado em metal dourado, para os uniformes 1ºB, 1ºC e 2ºA e material emborrachado para os uniformes 3º A (prontidão).

